

AMOSTRA DE VERBETES INÉDITOS DA 18ª EDIÇÃO DE “DE ONDE VÊM AS PALAVRAS”

Prof. Dr. Deonísio da Silva¹

RESUMO

Disciplinas como a etimologia, a filologia e domínios conexos, como os rudimentos de Latim e de Grego; a História Geral, a História do Brasil e uma disciplina de todo original, intitulada apenas Conhecimentos Gerais, tornaram-se estranhos aos currículos de qualquer nível, mesmo nos cursos de Letras. O que foi posto no lugar desses saberes com tantos sabores? Nada! E ainda querem que os alunos tenham ou sintam o gosto de estudar!

Palavras-chave: 1. Etimologia. 2. Filologia. 3. Português.

Mas nas gerações passadas, não foi assim. Qualquer brasileiro, mesmo sem o curso superior, deixava o ensino médio sabendo as linhas gerais das origens, fosse a dos imigrantes que estavam na sua árvore genealógica, fosse no país que habitava e nas palavras que lia ou proferia.

Do notório empobrecimento do ensino, sobretudo do da Língua Portuguesa, não é preciso dizer muito, bastando verificar que hoje quem escrevem bem é exceção. Pululam textos dos mais desconexos e mal escritos em todos os setores. O surgimento de “Manuais de Redação” e de colunas de Português em vários jornais e revistas exemplifica que a mídia passou a formar, e não apenas a informar, remediando a situação e exercendo um papel que antes cabia soberanamente à escola.

Inconformado com o pouco alcance na universidade, onde lecionamos para pouco mais de duas dezenas de alunos por turma, do estudo das surpreendentes e esclarecedoras viagens que as palavras fazem, venho buscando em palestras, oficinas, cursos curtos e na mídia despertar o interesse de telespectadores, ouvintes e leitores por saber, ao menos em linhas gerais, que as palavras têm berço (e às vezes túmulo!) e, como as pessoas, várias idades.

Tenho feito programas de televisão e de rádio sobre esses temas, e também colunas em jornais e em revistas. Às vezes a etimologia aparece onde menos se espera, de que é exemplo a coluna que mantenho semanalmente na revista *Caras*, da Editora Abril, há mais de vinte anos.

Para que meu artigo não seja apenas teórico, trouxe para apreciação dos leitores esses verbetes ainda em formação, feitos para mais uma edição do livro *DE ONDE VÊM AS PALAVRAS*, cujas sucessivas reedições atestam o gosto do público por esses temas.

Ei-los, em número de quarenta, em homenagem a cada um dos meus confrades da Academia Brasileira de Filologia, e em ordem alfabética.

1. Acarajé: de origem controversa, provavelmente do Iorubá *acará*, bola de fogo, e *je*, comer, designando o mais típico exemplar da culinária da Bahia, de origem africana, mas provavelmente alteração de receita levada pelos árabes ao Norte da África, no século VIII. Realmente, quem o come tem a sensação de que a boca fica em fogo. Foram os escravos que nos trouxeram essa deliciosa iguaria, feita por filha ou filho de santo, por tratar-se de comida dos ritos religiosos do candomblé e da umbanda. O surgimento mítico do acarajé é assim explicado: Iansã, a deusa dos ventos e das tempestades, foi à casa do oráculo Ifá buscar comida para seu marido Xangô. Ifá recomendou que Xangô falasse ao povo depois de comer o acarajé. E assim o deus o fez. E de sua boca saíram enormes labaredas enquanto ele falava. Quando oferecido aos orixás, é frito sem recheio. Mas como prato profano, é um pequeno bolo de feijão-fradinho descascado, moído, temperado com sal e cebola ralada, batido antes de ser frito em azeite de dendê, e servido com molho de pimenta-malagueta, camarões secos, vatapá, tomate e pimentão.

2. Arquiduque: do Grego *arkhé*, origem, começo, o que está à frente, e do Latim *dux* pelo Frâncico antigo *duc*, comandante, guia. Designa título de nobreza, superior ao de duque, criado no Sacro Império Romano Germânico, que durou de 962 a 1806, e passou aos filhos da Família Imperial da Áustria, os von Habsburg, que estiveram no poder até o fim das Guerras Napoleônicas. Foi o assassinato do arquiduque da Áustria, Francisco Fernando Carlos Luís (1889-1914), no dia 28 de junho de 1914, em Sarajevo, hoje capital da Bósnia e Herzegovina, que deflagrou a Primeira Guerra Mundial.

3. Bactéria: do Grego *baktérion*, diminutivo de *bákrion*, bastão, pelo Latim *bacterium*, palavra criada pelo zoólogo alemão Gottfried Ehrenberg (1795-1876), mas sua difusão deu-se pelo Francês *bactérie*, por causa das descobertas do biólogo francês Louis Pasteur (1822-1895). Sua pronúncia no Português manteve-se fiel à do Latim. Esses micro-organismos foram detectados pela primeira vez por um holandês chamado Antonie van Leeuwenhoek (1632-1723), tornado cientista ao construir microscópicos. Ele chamou a bactéria

de *animaliculus*, animalzinho em Latim. Descobriu os micro-organismos porque fabricou lente que aumentavam em 200 vezes o tamanho dos “animaizinhos” observados.

4. Calçado: do Latim *calceatus*, escrito também *calciatus*, designando revestimento de rua, terreno, solo etc., e também bota, sapato, sandália etc. Quando as proteções foram inventadas, o tamanho do calçado das pessoas era medido pelos próprios pés, uma vez que eram feitos por encomenda, um a um. Mas com o tempo, grãos de cevada foram utilizados para designar o tamanho. Assim, quem calçava 36, sabia que a extensão de seu pé coincidia com 36 grãos de cevada. **Jesus (entre 2 e 7 a.C.- 31-26 d.C.)** calçava 42, segundo a marca deixada quando, a pé, encontrou **São Pedro (? -64d.C.)** fugindo de Roma e este lhe fez a pergunta famosa, título de um romance celebrizado num filme: *Quo vadis, Domine?* (Para onde vais, Senhor?).

5. Canhoto: é de origem controversa este sinônimo de esquerdo, do Espanhol *izquierdo*, vindo da mistura de *Kerr*, família celta de irmãos canhotos, muito deles gêmeos, que fizeram uma escada em caracol ao contrário, onde massacraram invasores neste tipo insólito de cilada. Juntaram-se o sobrenome irlandês Kerr, dito e escrito também *Cerr* na Península Ibérica, e o Basco *esku*, mão, para formar a palavra esquerdo/esquerda. Canhoto, entretanto, provém de canho, radicado no Latim *canis*, cão, porque este era um dos codinomes do Demônio na Idade Média, quando vigorava a crença de que gêmeos e canhotos fossem presença diabólica nas famílias. O Latim usava *sinister*, origem de sinistro, para designar o lado esquerdo, inicialmente sem sentido pejorativo. Canhoto, que designa também a parte do bloco ou talão, é pronunciado com o primeiro “o” fechado. Mas canhota tem o “o” aberto.

6. Cavalo: do Latim *caballus*, designando o animal castrado, posto na carroça ou no arado para o trabalho. As neolatinas mantiveram o étimo de *caballus*, de que são exemplos o Espanhol *caballo*, o Italiano *cavalo* e o Francês *cheval*, donde cavaleiro, *caballero*, *cavaliere* e *chevalier*. Já cavalinho, no diminutivo, designa no Português a parte principal do caminhão, onde está o motor, composta de dois ou três conjuntos de rodas, na qual é anexada o truque.

7. Daguerreótipo: do Francês *daguerréotype*, do sobrenome do inventor desta tecnologia, o pintor e físico francês Louis Jacques Mande Daguerre (1787-1851). Era um aparelho para fixar em folha de prata sobre uma placa de cobre imagem obtida numa câmara escura. Simultaneamente, o desenhista francês Hércules Florence (1804-1879) inventava a fotografia em Campinas (SP). Detestando o conterrâneo, escreveu: *“A fotografia é a maravilha do século. Eu também já havia estabelecido os fundamentos e previsto esta arte em sua plenitude. Realizei-a antes do processo de Daguerre, mas trabalhei no exílio. Imprimi por meio do sol sete anos antes de se falar em fotografia. Já tinha lhe dado esse nome; entretanto, a Daguerre todas as honras.”*

8. Direito: do Latim *directus*, norma de viver expressa em fórmula religiosa designada por *juris*, declinação de *jus*, étimo presente em jurídico, juramento, juiz, justificar, injúria, perjúrio e em justiça, do Latim *Justitia*, deusa do direito. Esse lado divino do direito e da justiça procede dos *nomoi* gregos, templos que foram os primeiros tribunais, onde eram aplicadas as leis, sob a égide de uma divindade. Na Grécia, a deusa da Justiça era *Diké*, uma das doze Horas, deusas guardiãs da ordem natural, da vegetação e das estações climáticas, chamadas *Diké*, *Thêmis*, *Eumônia* – essas três eram porteiras no Olimpo-, *Auxo*, *Acmé*, *Anatole*, *Carpo*, *Clóris*, *Diceia*, *Eupória*, *Gimnásia* e *Talo*.

9. do Árabe *ax-xawar*, dote de casamento, que deu enxoval no Português, conjunto de roupas e utensílios dados a quem nascia (enxoval do bebê), a quem casava (enxoval da noiva) ou ia para o internato (enxoval do estudante). Está também no Latim *pluvia*, chuva, mas mudou o prefixo, de “ex” (para fora, tirar da chuva) para “em”. Quando mudou de significado, veio a designar o ato de transar com a noiva antes do casamento e depois abandoná-la, ensejando a expressão “enxovalhar a honra”, difamar. Misturou-se a outra palavra árabe, *ax-xavia*, cova onde os invasores mouros guardavam mantimentos e que passou a ser utilizada como prisão. Saía o trigo, entrava o prisioneiro, e o lugar deixava de ser cuidado, virando recinto insalubre, *matmora*, masmorra, prisão escura e úmida, onde cumpriam pena, entre outros, os caluniadores, quando identificados, ou, pior ainda, os caluniados, quando sem defesa.

10. Efeméride: do Grego *ephemeris*, pelo Latim *ephemeris*, tábua astronômica registrando a posição dos astros, isto é, o que se passa nos céus, significado estendido depois ao que se passa na terra, como os acontecimentos marcantes, o memorial de um país, uma região, uma empresa, uma pessoa. O mês de outubro está repleto de efemérides, começando pela homenagem a duas santas xarás, ambas monjas carmelitas. A primeira é a francesa Maria-Françoise-Therèse Martin (1873-1897), mais conhecida como Santa Teresinha do Menino Jesus da Santa Face, protetora de floristas e jardineiros, daí suas estampas, santinhos e imagens a apresentarem abraçado a um ramalhete de rosas. O papa Paulo VI (1897-1978) marcou sua festa para 1º de outubro, dia de seu nascimento celeste, pois ela falecera em 30 de setembro. Muitas meninas receberam, e novas nascituras ainda recebem, o nome Teresinha, no diminutivo, em sua homenagem.

11. Enciclopedista: de enciclopédia, do Grego *egyklopaideia*. Em grego, *egkyklios* é circular, e *paideia* é conhecimento. Um dos enciclopedistas mais famosos, cujo sobrenome virou marca de qualidade das obras de referência como dicionários e enciclopédias, foi o professor de curso primário, Pierre Larousse (1817-1875), que faz aniversário dia 23 de outubro, filho de um ferreiro e de uma dona de casa. Está sepultado no Montparnasse e dá nome de rua no 14º Arrondissement (distrito), conjunto de bairros na margem esquerda do rio Sena.

12. Enxovalhar: de origem controversa, provavelmente da mescla.

13. Equitação: do Latim *equitatione*, declinação de *equitatio*, arte de andar a cavalo, *equus* em Latim. *Caballus*, cavalo, é palavra de origem anterior ao étimo indo-europeu *ekw*, presente no Latim *equus*, que deu o étimo para equitação, a arte e a técnica de andar a cavalo. *Equus* substituiu ou serviu de variante na antiga Roma ao Grego *hippos*, cavalo, presente em hipódromo, de *hippos*, cavalo, e *drómos*, correr, lugar onde os cavalos correm.

14. Forca: do Latim *furca*, pau que se abre em dois na ponta, portanto bifurcado. O instrumento de execução ganhou este nome porque originalmente os condenados a esse tipo de execução eram supliciados em galhos de árvore, onde era pendurada a corda ao redor do pescoço, apertado pelo peso da pessoa. Houve enforcados célebres, como o apóstolo Judas Iscariotes (século I), assim chamado por ter nascido na aldeia de Kerioth ou por pertencer ao grupo de revolucionários zelotas, designado por *ish sicari*, homem do punhal, que deu *sicarius* em Latim, malvado, assassino. Judas é o nome que mais aparece nos Evangelhos. Em segundo lugar vem Simão Pedro (?- 64), escolhido como chefe da igreja. O traidor do Mestre não usava botas, usava sandálias ou andava descalço, mas veio parar na expressão que indica lugar distante: “onde Judas perdeu as botas”. Ele começa a ser representado de botas na Idade Média, em alusão aos suicidas, condenados a um dos últimos lugares do inferno pagão, depois unificados na mesma região no inferno cristão, inspirado na geena hebraica, onde era queimado o lixo da cidade. As meias ele as perdeu ainda mais adiante, segundo outra metáfora, esta nascida nos tempos modernos. Já “tirar o pai da forca” refere episódio em que Santo Antônio de Lisboa (1195-1231), o mesmo de Pádua, fazia um sermão nessa cidade da Itália quando foi avisado sobrenaturalmente de que seu pai estava sendo condenado à forca por crime que não cometera. Ele foi a Lisboa em espírito, fez competente defesa do pai no tribunal, absolvendo-o. Aos que ouviam o sermão dele em Pádua pareceu-lhes apenas que o santo ficara fora de si por alguns instantes.

15. Fotografia: dos compostos gregos *photos*, foto, e *graphé*, escrita, com o sentido de fixar, aos quais o desenhista Hércules Florence (1804-1879) recorreu para formar, em francês, a palavra *photographie*, com o fim de designar o invento que ele, sem saber de outras pesquisas semelhantes, efetivadas quase simultaneamente na sua pátria, a França, realizou em Campinas, no interior de São Paulo, onde vivia. Era o dia 15 de agosto de 1832 quando ele obteve a primeira “coisa” que denominou “photographie”. Até 1976, quando o professor da USP, Boris Kossov (73), comprovou tal autoria, a fotografia era dada como obra de Daguerre ou do oficial do exército francês Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833), que entretanto denominara inicialmente seu invento de *héliographie*, heliografia, aproveitando os étimos gregos *hélios*, sol, e *graphé*, escrita. A 19 de agosto de 1839, a França anunciou o invento e por isso este é o Dia Mundial da Fotografia.

16. Gelo: do Latim *gelus*, água em estado sólido, designando também cor, semelhante ao cinza e ao branco misturados. Dar um gelo é tratar com indiferença. Enxugar gelo é realizar trabalho inútil. E gelo baiano é um tipo de poste muito curto, semelhante ao frade de pedra, mas sem as formas arredondadas, posto

sobre as calçadas, em lugares estratégicos, para evitar a passagem ou o estacionamento de veículos nesses locais.

17. Gregoriano: do nome dos papas Gregório I (540-604), também chamado Gregório Magno, introdutor do cantochão nos ritos litúrgicos, e de Gregório XIII (1502-1585), responsável por alterar calendário juliano, então em vigor, do qual retirou 11 dias. Para isso, o dia seguinte a 4 de outubro de 1582 foi o dia 15 e não o 5, quando foi enterrada a madre espanhola Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada, a Teresa d'Ávila (1515-1582), primeira doutora da Igreja, que morrera no dia 4. É por isso que sua festa é celebrada a 15 de outubro. Gregório quer dizer vigilante em Grego e em Latim. Por razões obscuras designa popularmente o pênis e a pessoa que sofre de bôcio. E chamar o gregório equivale a chamar o hugo, chamar o Raul, isto é, vomitar.

18. Guerrilha: do Espanhol *guerrilla*, palavra registrada já em 1535, com o significado de guerra pequena, de pequenas dimensões, depois que a palavra guerra, do Germânico ocidental *Werra*, superou o Latim clássico *bellum*. Os dois étimos estão presentes em palavras do Português, de que são exemplos bélico, belicoso e beligerante, para o segundo; e guerreiro, aguerrido e guerrear, para o primeiro. Guerras de guerrilha levaram à vitória exércitos muito menores do que as forças que enfrentavam, de que são exemplos a vitória da Espanha e de Portugal sobre as tropas de Napoleão I, o Bonaparte (1769-1821), no século XIX; a guerra do Vietnã, nas décadas de 60 e 70 do século XX; e a ascensão ao poder de **Fidel Castro (88)**, em 1959, de onde nunca mais saiu, aliás!

19. Guerrilheiro: de guerrilha, do espanhol *guerrilla*, guerrinha, designando o combatente deste tipo de luta. Conquanto tenha sido o Espanhol a registrar a palavra com este étimo no século XVI, existiram guerrilhas e guerrilheiros ainda na Antiguidade, mas demoraram a ser aceitos como opção de luta. O militar e político Quinto Fábio Máximo Verrucoso (275 a.C.–203 a.C.) vinha travando este tipo de combate com sucesso contra as forças do famoso general cartaginês Aníbal (247 a.C.–183 a.C.), mas, como demorasse muito o desfecho, foi apelidado *Cunctator*, o adiador, por seu desafeto, o político e militar Varrão (séc. III a.C.), que o substituiu no comando, travando guerra em campo aberto contra o cartaginês e levando o exército romano a uma das piores derrotas de sua História, na batalha de Canas. A palavra aparece no título do livro *Márcio, o guerrilheiro*, do advogado, memorialista e escritor Antônio Pedrosa Júnior (60), importante documento sobre o estudante Márcio Leite de Toledo (1944-1971), natural de Bauru (SP), executado por seus próprios companheiros de luta armada, em 23 de março de 1971, na cidade de São Paulo, no que se chamava justicamento, sobre o qual diz o autor: “*A morte de nosso protagonista com toda certeza virou um mito dentro da esquerda brasileira, passando a ser tratada como ‘assunto proibido’ durante boa parte do tempo*”.

20. Honra: do Latim *honor*, que era *honus* até a época imperial, sem que saiba de onde os romanos herdaram o étimo desta palavra. Honra é vocábulo ligado a crédito, merecimento, e também obrigação e compromisso, como em honrar um pagamento, honrar pai e mãe, como prescreve o quarto mandamento dos católicos, mas que é o de número cinco para judeus, luteranos, adventistas e cristãos ortodoxos, uma vez que os 17 versículos da Bíblia que tratam do famoso *Decálogo* foram adaptados por cada uma dessas religiões de modos diferentes.

21. Iogurte: do Turco *yoghurt* pelo Inglês *yogurt*, leite coalhado com bactérias, especialmente o lactobacilo e o estreptococo. Os étimos presentes nessas palavras são esclarecedores. O composto *lacto*, do Latim *lacteus*, de *lactis*, caso genitivo de *lac*, leite, procede de uma raiz indo-europeia, *g(lak)*, leite, presente em galáxia, como na expressão Via Láctea, caminho de leite, porque o grande número de corpos celestes ali reunidos semelha leite derramado.

22. Lactobacilo: do Latim *bacillus*, bastãozinho, diminutivo de *baculus*, báculo, bastão, cajado, antecedido do composto *lacto*, do Latim *lacteus*, vinculado a *lacteus*, de leite. No iogurte e em alimentos assemelhados estão presente bactérias como o *streptococcus thermophilus*, isto é, curvo, que em Grego é *streptós*, e redondo como um coco, *coccus* em Latim, e o *lactobacillus bulgaricus*, assim chamado porque seu descobridor foi o médico e microbiologista búlgaro Stamen Grigorov (1878-1945), que morreu no dia em que completava 67, em 28 de outubro. Já os bacilos gram-positivos devem tal denominação ao médico dinamarquês Hans Christian Joachin Gram (1853-1938), isto é, que podem ser corados pela técnica que ele inventou. Os gram-negativos não podem ser corados por essa técnica.

23. Legião: do Latim *legione*, declinação de *legio*, do mesmo étimo de *legere*, juntar, escolher, e também de ler e de eleger. É palavra presente nas divisões das antigas forças armadas romanas, por metáfora levadas às forças armadas celestes, como as legiões de soldados e as legiões de anjos, arcanjos, tronos, querubins e serafins. Em ordem ascendente, pois anjo equivale a soldado raso. Há outras legiões designando forças desarmadas: a Legião da Boa Vontade (LBV), entidade de assistência social fundada pelo jornalista e poeta de ascendência árabe Alziro Abrahão Elias David Zarur (1914-1979), em 1º de janeiro de 1950, no Rio, e hoje presente em Portugal, Argentina, no Uruguai, na Bolívia, no Paraguai e nos EUA. Há também a Legião de Honra, nome de uma ordem nacional de distinção, cujas categorias começam por *chevalier d'honneur*, cavaleiro de honra, o menor, depois vão a oficial, comendador, grande oficial e grã-cruz. Como homens importantes andassem a cavalo e não a pé, a palavra cavalo sofreu sutil variação no Português cavalheiro, designando homem bem educado, culto, distinto, significados mantidos no Francês *chevalier* e no Italiano *cavaliere*.

24. Mágico: do Grego *magikós*, pelo Latim *magicus*, ligados ao que encanta, surpreende, cativa, também étimo de meigo, com o significado de carinhoso, terno, afável, mas ligados também ao Grego *mágos* e ao Latim *magus*, designando, tanto sacerdotes e cientistas, como feiticeiros, bruxos e modernamente os ilusionistas que se apresentam nos circos. O mais famoso deles foi o húngaro Harry Houdini (1874-1926). Menino pobre, emigrou para os EUA com a família e trabalhava numa ferraria quando o dono lhe pediu que abrisse um par de algemas, cujas chaves um policial perdera. Depois de inúmeras tentativas para abri-las com chaves de fenda, ou mesmo serrá-las, ele usou uma pinça e as destravou. E foi esta a técnica que veio a usar em seus truques, desvencilhando-se de algemas e cadeados até embaixo d'água. Depois de show realizado em Montreal, no Canadá, um estudante entrou no camarim e desferiu-lhe dois socos na barriga, rompendo-lhe o apêndice. Perguntado, o mágico respondeu que aguentaria os golpes, mas o estudante era burro e o golpeou antes de ele se preparar para a demonstração. O mágico morreu no hospital de Detroit sete dias mais tarde, pois continuou sua turnê e não foi ao médico, tendo apresentado o último espetáculo com 40 graus de febre.

25. Mama: do Latim *mamma*, órgão glandular característico dos mamíferos, atrofiado no macho e desenvolvido em tamanhos e formas singulares na fêmea. Na mulher, dependendo do contexto, são usados seus sinônimos, sendo mais frequente referir o seio quando se trata da estética do corpo feminino, da atração que exerce sobre o imaginário masculino, de que é exemplo na linguagem publicitária a propaganda do sutiã. Quando as referências privilegiam a anatomia, a amamentação e os cuidados com a prevenção de doenças ali localizadas, o mais comum é usar palavras com o étimo de mama, de que são exemplo expressões como “glândula mamária”, “mamar”, “desmame” etc.

26. Manha: do Latim vulgar *mania* pelo Espanhol *maña*, designando no Português do século XIII destreza para realizar uma tarefa, mudando de significado para esperteza, astúcia, malícia e habilidade de enganar os outros, já com o sentido de ardil, artimanha e hábito negativos. Por fim, veio a designar também o choro lamuriendo da criança para obter o que deseja ou para deixar de fazer algo que lhe foi ordenado. Aparece neste trecho de *Reiventar a vida*, livro do escritor e frade da ordem dominicana Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido por Frei Betto (70): “*Toda criança é uma atriz, capaz de desempenhar múltiplos papéis. A menina é mãe, babá, irmã, professora e médica da boneca. Há uma interação entre as duas. A boneca, graças à projeção onírica da criança, responde, chora, come, bebe e faz manha.*”

27. Navio-escola: de navio, do Latim *navigium*, navio, e de escola, do Latim *schola*, intervalo, descanso, embarcação destinada à aprendizagem de profissionais do mar, sobretudo marinheiros aspirantes a cargos mais elevados, começando pelo grumete, palavra do mesmo étimo de *gourmet* e de *gourmand*, do Inglês antigo *grom*, rapaz, pelo Francês *grommes*, criado. O grumete entrava para servir o vinho, cozinhar, lavar a louça e limpar o recinto, mas queria aprender a navegar. Em 8 de agosto de 1840, desembarcou de um navio-escola, no Rio, o abade francês Louis Compte para presentear Dom Pedro II (1825-1891), então com 14 anos, com um daguerreótipo, fazendo do imperador nosso primeiro fotógrafo.

28. Nódulo: do Latim *nodulus*, diminutivo de *nodus*, nó. Designa qualquer saliência em forma de nozinho nas árvores e também nos animais, sendo mais preocupantes os nódulos que de repente irrompem no corpo humano, às vezes de forma quase imperceptível. Nas árvores, os nódulos semelham brotos. A origem remota é uma raiz indo-europeia “nedh”, representando a ideia de atar, laçar, prender, ligar. O câncer de

mama, o mais comum entre as mulheres, para o qual se chama a atenção de modo especial no mês de outubro, pode ser detectado em eventuais nódulos nos seios. O câncer de mama ataca também os homens, mas a proporção é de apenas 1%.

29. Normalista: de normal, do Latim *normalis*, designando o que se refere a norma, radicado no Grego *nomos*, ordem, organização, presente em anomia, ausência de leis, situação contrária ao desejo dos deuses desde as culturas antigas do Egito e da Grécia, onde o étimo teve origem. Nomos era o *daimónion*, divindade das leis e estatutos, origem da palavra demônio, de sentido pejorativo após o cristianismo. Lúcifer, Satanás e o Diabo são demônios, deuses caídos, depois da vitória do Bem sobre o Mal, ocorrida ainda no Paraíso. Provavelmente quem inspirou os gregos a esse significado para *nomos* foram os egípcios. *Sepat* e *qâb*, divisões administrativas surgidas às margens do rio Nilo, foram designadas *nomoi*, plural de *nomos*, pelo gregos. Normalista, no Português, veio a designar quem faz o Curso Normal, especializado em formar professores, em geral professoras, do antigo ensino primário, hoje chamado fundamental.

30. Pila: do nome de Raul Pilla (1892-1973), político, jornalista, médico e professor gaúcho de origem italiana, membro do Partido Libertador, do qual foi presidente. Ardoroso defensor do parlamentarismo, foi eleito deputado federal e reeleito várias vezes, tendo participado também da Assembleia Constituinte de 1946. Por ter apoiado a Revolução Constitucionalista de 1932, viveu exilado na Argentina e no Uruguai entre 1933 e 1934. Seus correligionários, para arrecadar recursos com o fim de garantir-lhe sobrevivência digna no exterior, fizeram uma campanha com notas simbólicas de dinheiro. Elas traziam no lugar das efígies habituais o desenho do rosto do político. Quem doasse o equivalente a dez cruzeiros, por exemplo, recebia uma nota simbólica com o número dez e o rosto de Pilla. Dali por diante, pila, aporuguesado, tornou-se variante de cruzeiro, a moeda oficial. O povo não usava o plural. Dizia um pila, dois pila (sic). Também para o cruzeiro e para o real não é usado o plural. O povo dizia dois cruzeiro (sic). E hoje diz dois real (sic). Depois disso, Pilla voltou ao Brasil, elegeu-se deputado federal outra vez, mas foi cassado por Getúlio Vargas (1883-1954) em 1937, com a eclosão do Estado Novo. Foi Pilla quem elaborou a emenda parlamentarista, permitindo a posse de João Goulart (1918-1976) durante a Campanha da Legalidade, deflagrada sob a liderança de Leonel Brizola (1922-2004). Mas o Brasil continuaria surdo ao Parlamentarismo. E, por ironia, sua tese de doutorado, defendida em 1916, é *O som no tratamento da surdez*.

31. Professor: do Latim *professore*, aquele ou aquela que professa em público as verdades, originalmente religiosas, por isso seu ofício era exercido nos templos, depois em palácios. Em Grego, *aulé*, origem da palavra aula, designa palácio, pátio, dependência ou sala da residência de um príncipe, e depois de um chefe religioso, donde as primeiras aulas terem sido ministradas em sacristias, uma vez que o ensino foi originalmente destinado a aplicar princípios religiosos, sendo padres os primeiros professores na civilização ocidental, que é cristã. Quando promovido a professor, o *doctor*, o doutor, passava a exercer o direito de *docere*, ensinar, do mesmo étimo de *ducere*, conduzir, guiar, e de seduzir, antes da carga licenciada pejorativa que este verbo tomou, vindo a significar inclusive desvirginar a moça, como o professor, teólogo e filósofo Pedro Abelardo (1079-1142) fez com sua discípula Heloisa (1101-1164), sendo por isso castrado a mando de Fulbert (século XII), tio e tutor da menina, cônego em Notre-Dame, nos arredores de Paris. Mas antes designava a tarefa didática, do Grego *didásko*, de ensinar, com arte e manha, exercendo atração sobre os discípulos, palavra vinda de *discere*, aprender, pegar, o que, por *docere*, ensinar, o *docens*, docente, lhes prescrevia, sentado numa cadeira, do Latim *cathedra*, donde catedrático. Foi neste contexto que os primeiros professores foram teólogos e filósofos, donde “filosofia, ciências e letras” designarem as primeiras faculdades leigas. No Brasil, o Dia do Professor é celebrado em 15 de outubro, data em que, em 1827, Dom Pedro I (1798-1834) criou por decreto o Ensino Elementar, só regulamentado em 1947. Mas, na prática, é celebrado nesse dia porque o segundo semestre ia de primeiro de junho a 15 de dezembro, com apenas 15 dias de férias. Fazia-se, então, uma pausa de confraternização nesse dia.

32. Quebrar: do Latim *crepare*, fazer um som, estalar, fazer um barulho ou estrondo, rachar, partir, donde crepitar da fogueira fazer parecer que algo está sendo quebrado, e às vezes está mesmo, e decrépito comparar o velho a algo que se quebrou. Já a expressão “quebrar um galho” indica o ato de ir abrindo caminho no meio da mata. A metáfora foi reforçada pelos cultos afro-brasileiros, onde Exu, soberano da floresta, ajudar aqueles que recorrem a ele, quebrando galhos para que eles possam embrenhar-se na mata ou dela saírem. Quebrar o gelo é romper situação de constrangimento e iniciar uma conversa. Quebrar, porém, não tem sentido sempre positivo, de que são exemplos quebrar a cara (dar-se mal), quebrar a promessa (descumprir um trato), quebrar a empresa (ir à bancarrota), quebrar o sigilo bancário (revelar operações

financeiras). Requebrar, todavia, redime o ato de quebrar o corpo muitas vezes, em busca da beleza de movimentos, como na dança.

33. Recado: de origem controversa, provavelmente do Latim *recaptare*, pelo Latim medieval *recapitare*, conexo com *receptare*, todos com o sentido de receber, acolher, recolher, sejam bens, valores ou avisos. Está presente na expressão “dar o recado” ou “dar conta do recado”, que mudou de significado. Para os antigos, recado designava providência, arrecadação, em que está presente o étimo, juntar pertences e coisas necessárias a uma ação, como construir uma casa, rezar uma missa, fazer uma procissão etc., por meio de minuciosa prestação de contas. Passou depois a sinônimo de mensagem, mas com o tempo recuperou o sentido antigo e veio a designar o ato de alguém desempenhar bem uma tarefa que lhe foi confiada.

34. Rosa: do Latim *rosa*, em geral designando a flor de um arbusto onde desabrocha, por isso mesmo chamado roseira, e também um tipo de cor. Seu étimo já estava no indo-europeu, e foi de lá que o Grego trouxe *rhôdon*, de igual significado. A cor rosa indica o gênero feminino e foi este significado o motivo de designar-se “Outubro Rosa” o décimo mês para marcar a prevenção e o combate ao câncer mama. A ideia surgiu nos EUA em 1990, e em 2002 no Brasil, quando a 2 de outubro daquele ano o Mausoléu do Soldado Desconhecido, mais conhecido como Obelisco do Ibirapuera, foi iluminado em tom rosa para celebrar os 70 anos da Revolução de 1932.

35. Seio: do Latim *sinus*, do mesmo étimo do celeberrimo instrumento de bronze posto nos campanários, tendo designações semelhantes pelas formas curvas de seios, sinos e rios, como é o caso do rio sinuoso. Embora também os dois lados do rosto humano sejam referidos como seios da face, o mais comum, em se tratando de seio, é o seio da mulher, sinônimo de mama. Quando o apelo é a atração sexual, mama é substituída por palavras como peito e seio, numa rede de metáforas que substituem as designações científicas. São invocados nomes de frutas que lembram o formato: pera, mamão, melão, limão, laranja etc.

36. Tamanho: da expressão latina *tam magnus*, tão grande, designando comparação. Lidamos com a noção de tamanho em muitos aspectos da vida: o tamanho da cidade e da casa onde moramos, das peças de roupa que vestimos etc. No caso do seio feminino, o tamanho recomendado tem variado ao longo da História, de que são exemplos, na Idade Média e no Renascimento, os seios grandes como ideal de beleza feminina, aludindo à fertilidade; e os seios pequenos na década de 60 do século XX, como os seios da modelo Leslie Lawson (64), mais conhecida por Twiggy, então uma adolescente muito magra e quase andrógina. Com a moderna cirurgia plástica, as mulheres passaram a contrariar a natureza, tendo os seios do tamanho que querem, seja pela redução do formato original, seja pelos implantes que os tornam maiores do que são. (FIM).

37. Truque: no sentido de manha, artil, tramoia, procede do Francês *truc*, designando, por exemplo, procedimento do mágico para iludir o espectador. Conquanto a palavra signifique também a habilidade de punhuistas e ladrões para furtar, no mais das vezes seus significados são positivos, de que são exemplos, entre outros, os truques do pediatra para acalmar as crianças e do barbeiro para cortar-lhes os cabelos. E os mecanismos no teatro, no cinema e na televisão para obter efeitos especiais. Designando bilhar comprido, na sinuca, procede do alemão *Drucken*, pressão, empurrão. Já a modalidade de caminhões chamada truque procede do Inglês *truck*, caminhão ou plataforma sobre rodas para ser engatada na parte do veículo conhecida como cavalinho, e com este significado procede do Grego *trokhos*, roda, a partir de *trekhein*, rodar, executar, pelo Latim *trochus*, aro de ferro. O Inglês *truck* designou originalmente a carriola presa ao veículo principal, que depois evoluiu para o *trailer*, mas nos EUA substituiu o *lorry*, caminhão, na Inglaterra. Pode ainda servir de variante a truco, do Espanhol *truque*, pelo catalão *truc*, jogo de cartas.

38. Tungstênio: do Sueco *tungsten*, pela formação *tung* (pedra) *sten* (pesada), denominando o elemento químico atômico de número 74, presente em nossas residências, nos locais de trabalho e nas ruas, pois é de tungstênio o filamento de lâmpadas incandescentes e elétrodos, descoberto por químicos espanhóis, os irmãos Juan Jose Elhuyar (1754-1796) e Fausto Elhuymar Lubice (1755-1883), em trabalhos de pesquisa feitos no México, para os quais foram nomeados pelo rei da Espanha, Carlos IV de Borbón, o Caçador, (1748-1819). Este rei tem muito a ver com o Brasil: era pai de Carlota Joaquina Teresa de Borbón e Borbón (1775-1830), fruto de seu casamento, aos dezesseis anos, com a prima Maria Luísa de Parma (1751-1819), então com apenas catorze. A rainha, amante do diplomata e militar espanhol Manuel de Godoy y Alvarez de Faria Rio Sanchez Zarsosa (1767-1851), mais incandescente do que o tungstênio, passou à História como “dissimulada, frívola e de costumes devassos. A rainha Carlota, esposa do rei português Dom João VI (1767-1826), teve

fama semelhante à da mãe. Carlos IV e Maria Luísa foram ancestrais muito próximos de dois imperadores brasileiros: avós de Dom Pedro I (1798-1834) e bisavós de Dom Pedro II (1825-1891).

39. Xexé: de origem obscura, provavelmente de dialeto africano, designando fantasia de carnaval representando velho caduco, com cabeleira e rabicho, vestindo casaca de seda, calção e meias, tendo nas mãos um facão de madeira. Aplica-se, fora de tal contexto, ao indivíduo apalermado, tanso, bobo, de comportamento que o expõe ao ridículo.

40. Zaragata: do Espanhol *zalagarda*, depois *zaragata*, gritaria, confusão, provável variação do Francês antigo *eschirgaite*, variação de *eschargaite*, depois *eschargarde*, sentinela e também armadilha, cilada, vinda do Frâncico *skarawahta*, pela formação *skara*, destacamento, e *wahta*, guarda, dando o Asturiano *xirigaita*, provável origem do Português *sirigaita*, mulher que faz meneios do corpo para seduzir, a nossa popular perigete, gerando bulício e certo desassossego ao redor dela. A palavra aparece neste trecho do discurso que José de Sousa Saramago (1922-2010) pronunciou ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em Estocolmo, em 7 de outubro de 1998: “*Enquanto o sono não chegava, a noite povoava-se com as histórias e os casos que o meu avô ia contando: lendas, aparições, assombros, episódios singulares, mortes antigas, zaragatas de pau e pedra, palavras de antepassados, um incansável rumor de memórias que me mantinha desperto, ao mesmo tempo que suavemente me acalentava*”.

¹ ***Deonísio da Silva, da Academia Brasileira de Filologia e Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), é professor (aposentado) da Universidade Federal de São Carlos (SP), autor de textos para a Universidade Estácio de Sá (RJ) e Diretor Adjunto da Editora da Unisul (SC). É autor de romances, contos, crônicas e dos livros de referência De onde vêm as palavras e A vida íntima das frases. Escreve semanalmente a coluna Etimologia na revista CARAS, há mais de vinte anos, e apresenta na Rádio BandNews, com Ricardo Boechat, Sem Papas na Língua, e com Pollyanna Bretas, Pitadas do Deonísio. E-mail: teresa97@terra.com.br***